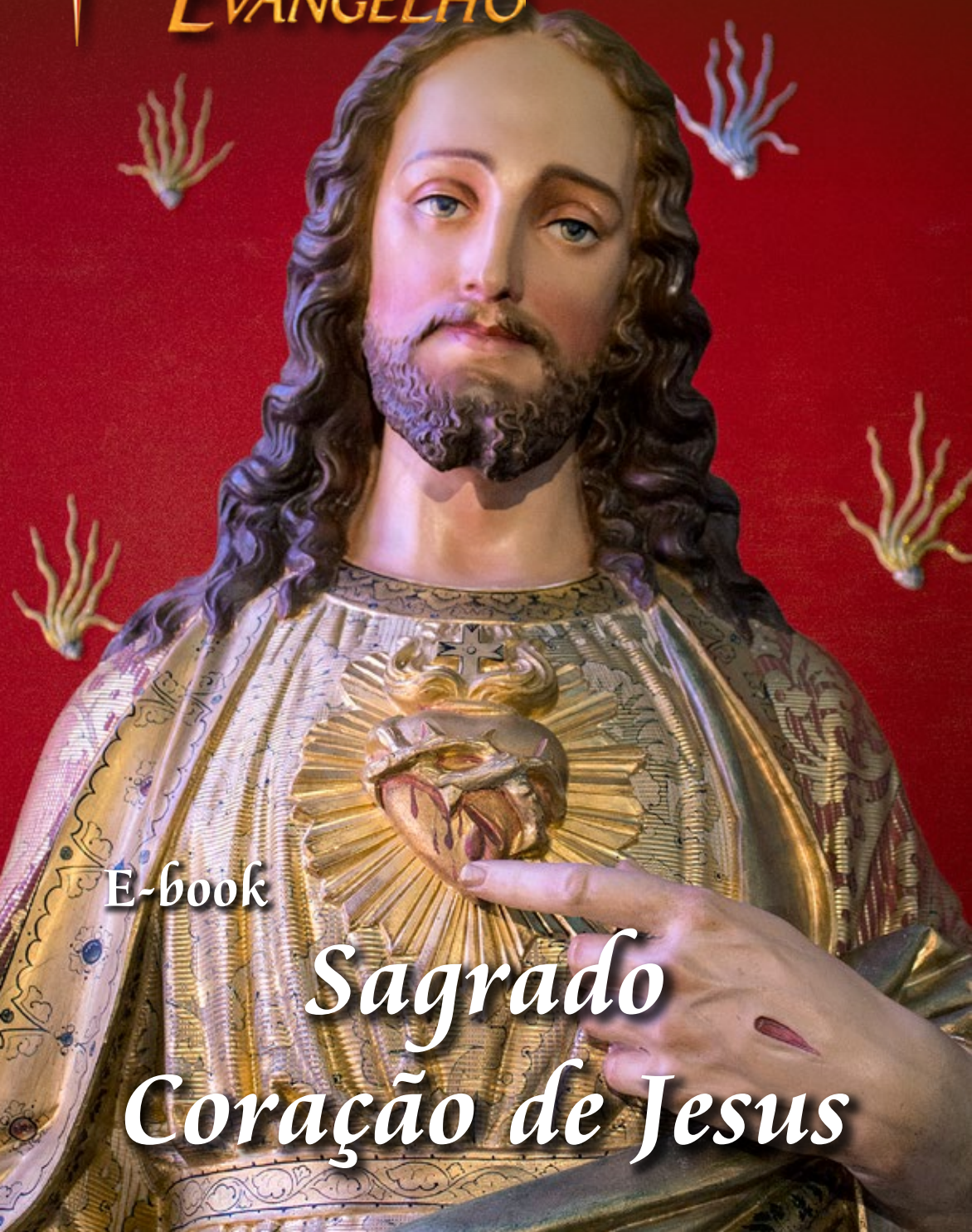


ARAUTOS DO EVANGELHO



E-book

Sagrado Coração de Jesus

ÍNDICE

Introdução	3
Amor com amor se paga.....	5
<i>I – O Amor de Deus supera toda comparação</i>	<i>5</i>
<i>O amor a um povo ingrato, levado a extremos inimagináveis.....</i>	<i>6</i>
<i>II – Deus ama os humildes.....</i>	<i>9</i>
<i>Quem são os pequeninos?</i>	<i>10</i>
<i>A luz da sabedoria só é dada aos humildes.....</i>	<i>14</i>
<i>Quem se faz pequenino torna-se amigo de Deus</i>	<i>15</i>
<i>O Pai deu a Cristo toda a plenitude da divindade</i>	<i>17</i>
<i>O Pai dá a Revelação aos humildes através de Jesus Cristo</i>	<i>19</i>
<i>O fruto do pecado é a fadiga espiritual.....</i>	<i>20</i>
<i>Um jugo de escravidão... que torna a vida leve.....</i>	<i>25</i>
<i>Jesus nos proporciona o verdadeiro repouso</i>	<i>26</i>
<i>III – O Amor de Deus se retribui com humildade.....</i>	<i>28</i>

INTRODUÇÃO

Deus nos amou desde o princípio, pois já existíamos nos planos d'Ele. Nosso Criador escolheu cada um em particular, tendo presente a nós em sua Redenção.



É no mistério desse amor de um Deus que Se fez homem e Se entregou para nos salvar que devemos ter em alta conta a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, pois, de acordo com Mons. João Clá, corremos o risco de ficar muito aquém do tesouro de bondade e misericórdia que essa forma de piedade coloca à disposição dos fiéis.

O Coração de Jesus é o tabernáculo mais autêntico e substancial das três Pessoas da Santíssima Trindade e, em consequência, não há melhor meio de adorar o Pai, o Filho e o Espírito Santo do que através d'Ele.

É por seu intermédio que Deus entra em contato conosco, respeitando as nossas proporções e apresentando-Se ao nosso alcance de maneira a nos inspirar confiança. E reciprocamente, adorando a Deus através do Sagrado Coração, utilizamo-nos do altar mais privilegiado, supremo até, para nossas orações ascenderem ao Céu de maneira a serem aí recebidas com absoluta complacência.

E foi para incentivar essa tão bonita e providencial devoção que trouxemos este mês comentários à liturgia da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus feitos por Mons. João Clá na coleção “O Inédito sobre os Evangelhos”.

Desejo que este conteúdo alimente a sua fé e lhe mantenha no caminho da retidão, do amor e temor a Deus.

Com minha bênção, em Jesus e Maria,

Pe. Ricardo José Basso

AMOR COM AMOR SE PAGA



*O infinito amor
do Pai por nós
exige uma atitude
de reciprocidade só
realizável na medida em
que houver humildade.*

I – O Amor de Deus supera toda comparação

A Solenidade do
Sagrado Coração de
Jesus é a comemo-
ração da misericórdia
de Deus para com a
humanidade, na qual
é ressaltado o Amor,

com “A” maiúsculo, que provém de um Ser infinito e excelente por essência, e se desdobra em torrentes de liberalidade sobre seus filhos. Foi Ele quem nos amou primeiro (cf. I Jo 4, 19), ou seja, desde toda a eternidade, e de tal maneira que nossa restrita inteligência não é capaz de compreender. Mas, até onde ela nos permita, devemos considerar o quanto o amor ilimitado de Deus por nós produz efeitos inimagináveis, sendo o principal deles a Encarnação do Verbo. No intuito de Se tornar mais próximo aos homens e de resgatá-los pelo preço de seu Sangue, Ele quis assumir um corpo como o nosso, de modo a conter num Coração humano a infinitude de seu amor divino.

O amor a um povo ingrato, levado a extremos inimagináveis

A primeira leitura, do Livro do Deuteronômio (7, 6-11), mostra a iniciativa de Deus ao escolher para Si um povo, que não era o mais poderoso, nem o mais capacitado, nem o mais numeroso, e sim o menor de todos, para indicar a eficácia de seu amor.

Com efeito, o Altíssimo constituiu esta nação, a preparou, desenvolveu e perdoou, suportando suas ofensas e ingratidões, com o desígnio de que nascesse no seio dela o seu próprio Filho! E Ele, uma vez fei-



Mosaico representando as doze tribos de Israel – Bairro Judeu, da Cidade Antiga de Jerusalém

to Homem, deixou-Se matar por aqueles a quem chamara de irmãos! Impossível seria levar mais longe a manifestação de predileção... Entretanto, depois de tantas infidelidades, o povo eleito ainda será salvo, no futuro, e operará maravilhas (cf. Dt 4, 29-31; Rm 11, 16-31), ocasionando “uma ressurreição dentre os mortos” (Rm 11, 15).

A qualidade deste amor transparece também no Salmo Responsorial, cujo refrão canta: “O amor do Senhor Deus por quem O teme é

de sempre e perdura para sempre” (Sl 102, 17). Ou seja, não teve princípio, nem terá fim, desde que saibamos a ele corresponder. A seguir o Autor Sagrado enumera a inesgotável catara-ta de benefícios prometidos por Deus à alma amada. Considerados cada um separadamente, eles bastariam para alimentar nossas reflexões ao longo de um ou mais artigos: “Pois Ele te perdoa toda culpa e cura toda a tua enfermida-de; da sepultura Ele salva a tua vida e te cer-ca de carinho e compaixão. O Senhor realiza obras de justiça e garante o direito aos oprimi-dos; revelou os seus caminhos a Moisés e, aos filhos de Israel, seus grandes feitos. O Senhor é indulgente, é favorável, é paciente, é bondoso e compassivo. Não nos trata como exigem nossas faltas nem nos pune em proporção às nossas culpas” (Sl 102, 3-4.6-8.10).

E na segunda leitura (I Jo 4, 7-16) en-contramos uma exposição rica e substan-ciosa a esse respeito, em que São João sublinha que “não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou seu Filho como vítima de reparação pelos nossos pecados” (I Jo 4, 10).

Não obstante as leituras desta Solenidade provirem de diversas plumas inspiradas pelo Espírito Santo, nada como ouvir a voz do próprio Deus Encarnado, Nosso Senhor Jesus Cristo, no Evangelho sobre esta sublime temática, que deixa patente a envergadura desse amor e qual deve ser nossa atitude em face dele.

II – Deus ama os humildes

²⁵ Naquele tempo, Jesus pôs-Se a dizer: “Eu Te louvo, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos”.

Nosso Senhor é verdadeiramente Homem — embora sua personalidade seja divina — e, enquanto tal, louva o Pai, como “Senhor do Céu e da Terra”. Ora, Senhor é aquele que tem o domínio pleno e faz o que deseja no universo, pois tudo está em suas mãos. Esse Senhor revela aos pequeninos os segredos de seu Reino e os oculta aos sábios e entendidos, ou seja, àqueles que se julgam muito mais capazes do que sua natureza permite e se arrogam o que cabe



*Nosso Senhor rodeado de crianças – Paróquia de
São Cornélio e São Cipriano, Trivolzio (Itália)*

só a Deus. A estes poderíamos denominar de “teocleptos”, os ladrões de Deus.

Quem são os pequeninos?

Quem são os pequeninos, segundo Jesus? Não pensemos tratar-se aqui de uma alusão aos menores em idade, e sim àqueles que, reconhecendo o seu nada, praticam a humildade e a mansidão. Ambas as virtudes estão ligadas à virtude cardeal da temperança, e dela fazem parte.¹

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.157,

A humildade, explica o Doutor Angélico,² reprime a presunção da esperança impedindo a desmedida aspiração a grandes coisas, em razão da “reverência devida a Deus, que leva a não se atribuir mais do que aquilo que lhe cabe, conforme a posição que Deus lhe outorgou. Parece, pois, que a humildade implica, sobretudo, a sujeição do homem a Deus”.³ Fazer-se pequeno é, pois, ter uma noção clara a respeito de sua condição, nem diminuída, nem exacerbada, mas equilibrada conforme a realidade, colocando-se no devido lugar em relação a Deus. Era o que a grande Santa Teresa de Jesus ensinava às suas irmãs: “Deus é a Suma Verdade, e a humildade consiste em andar na verdade, pois de grande importância é não ver coisa boa em si mesmo, mas sim a miséria e o nada”.⁴

a.3; q.161, a.4.

2 Cf. Idem, q.161, a.1.

3 Idem, a.2, ad 3.

4 SANTA TERESA DE JESUS. Castillo Interior. Moradas sextas, c.X, n.7. In: *Obras Completas*. Burgos: El Monte Carmelo, 1917, t.IV, p.171.

Já a mansidão “tem por função própria amainar a paixão da ira”,⁵ segundo a reta razão.⁶ Oriunda da temperança, como acima dissemos, a mansidão nos confere também aquela serenidade por onde nada desejamos com febricitação, aceitando tudo o que venha a suceder com resignação, calma e paciência.

O fato de apenas aos mansos e humildes serem revelados os mistérios do Pai, significa uma humilhação para os “sábios e entendidos”. Tal humilhação, podemos comprová-la em nossos dias, nos quais Deus realiza maravilhas da graça por meio de uma geração cuja constituição e capacidade são inferiores às daquelas que a precederam. Às vezes observamos um pequenino, desprovido de qualquer cultura livresca, dar mostras de tanta profundidade de pensamento que todos ficam “maravilhados da sabedoria de suas respostas” (Lc 2, 47), como aconteceu com Jesus Menino entre os doutores do Templo.

5 SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.157, a.1.

6 Cf. Idem, a.2.

Santa Teresinha do Menino Jesus, por exemplo, suscitada pela Providência nos tempos modernos, fundou a Pequena Via a fim de que também aos débeis seja permitido praticar atos extraordinários. Dizia ela: “posso, então, apesar de minha pequenez, aspirar

à santidade. [...] quero, contudo, procurar o meio de ir para o Céu por um caminhozinho bem reto, bem curto, uma pequena via inteiramente nova. [...] Quanto a mim, também desejei encontrar um elevador para subir até Jesus, pois sou muito pequena para subir a rude escada da perfeição. [...] O elevador que deve fazer-me subir até ao Céu são os vossos braços, Jesus! Por isso não preciso crescer; devo, pelo contrário, per-



*Santa Teresinha do
Menino Jesus*

manecer pequenina e tornar-me cada vez mais pequenina”.⁷

A luz da sabedoria só é dada aos humildes

Eis uma lição para nós: o que realmente vale é termos luz para compreender a ação de Deus no Céu e na Terra, na natureza e na História, e o quanto Ele está presente em todos os acontecimentos. No entanto, esta luz não é dada a todos; Deus só a concede aos humildes.

Jesus é o modelo supremo desse grande mistério, pois, ao Se encarnar, “assumindo a condição de escravo e assemelhando-Se aos homens” (Fl 2, 7), “todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Col 2, 3) foram encerrados em seu Sacratíssimo Coração! A Ele, portanto, que Se fez pequenino por estar unido a uma natureza inferior à an-gélica, foi confiada esta revelação que os Anjos, no seu conjunto, não conhecem.

⁷ SANTA TERESA DE LISIEUX. Manuscrito C. O elevador. In: *Obras Completas*. São Paulo: Paulus, 2002, p.181.

Quem se faz pequenino torna-se amigo de Deus

²⁶ “Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado”.

Nosso Senhor conclui este pensamento com uma breve frase que nos leva a refletir mais uma vez sobre o valor da virtude da humildade. Os pequenos, isto é, aqueles que admitem a disparidade existente entre a sua frágil natureza e o chamado recebido da Providência, entre criatura e Criador, entre sua contingência e o Ser necessário, atraem o favor de Deus. Ele Se compraz em cumulá-los de benefícios e assisti-los de modo especial. Para melhor realçar seu poder, escolhe os mais miseráveis, tal como Ele disse a São Paulo: “é na fraqueza que se revela totalmente a minha força” (II Cor 12, 9). Por conseguinte, se alguém se apresenta diante de Jesus, enquanto miserável, deficiente e necessitado de ajuda, comove seu Coração. Assim, há algo de carismático na humildade que faz com que a pessoa se torne amiga de Deus.

No livro *Apelo ao Amor*, Sórora Josefa Menéndez, religiosa espanhola falecida em 1923, narra as revelações do Sagrado Coração de Jesus, dentre as quais encontramos este trecho: “Crês” — confia-lhe Jesus — “que te escolhi por causa de tua



Sórora Josefa Menéndez

virtude? Sei que não tens senão misérias e fraquezas, [...] se Eu pudesse encontrar sobre a Terra criatura mais miserável, sobre ela teria fixado o olhar de meu Amor e, por ela, teria manifestado os desejos de meu Coração. Mas como não encontrei, escolhi-te a ti”.⁸

⁸ MENÉNDEZ, RSCJ, Josefa. *Apelo ao Amor. Mensagem do Coração de Jesus ao mundo e sua mensageira*. 2.ed. Rio de Janeiro: Santa Maria, 1953, p.393.

O Pai deu a Cristo toda a plenitude da divindade

²⁷ “Tudo Me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar”.

Quando o Divino Redentor no Evangelho Se refere a Si mesmo, devemos considerar que n’Ele existe o Homem nascido no tempo, familiar para os que constituíam seu entorno, e o Filho eterno, gerado desde sempre, não criado, consubstancial ao Pai. No presente trecho vemos que Ele fala ora como Homem, ora como Deus.

Sabemos que um dos principais mistérios da nossa Fé é a Unidade e a Trindade de Deus. A teologia nos ensina que em Deus há duas processões *ad intra*: o Pai, ao conhecer-Se, gera o Filho “pelo modo de atividade inteligível, que é uma operação de vida”,⁹ e de ambos, ao se amarem eternamente, procede o Espírito Santo.¹⁰

⁹ SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., I, q.27, a.2.

¹⁰ Cf. Idem, a.3.

Todavia, ao enviar seu Filho à Terra, o Pai Lhe deu também enquanto Homem toda a plenitude, conforme a expressão do Apóstolo: “n’Ele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Col 2, 9). “Em Cristo” — comenta São Tomás — “Ele [Deus] habita depois de haver elevado este Homem à unidade da Pessoa Divina, de maneira que Deus aí enche com sua presença tudo o que é do homem, o corpo e a alma, os dois unidos ao Verbo ‘que se fez carne’, diz São João (Jo 1, 14)”.¹¹

Há, contudo, uma distância infinita entre a natureza humana de Jesus Cristo e o que Ele recebeu do Pai, pois, enquanto aquela teve princípio e desenvolvimento, isto que n’Ele coube é eterno. Desproporção incommensurável, na qual Ele Se compraz, porque é humilde, sabendo perfeitamente que por sua mera natureza humana Ele é incapaz de realizar aquilo que pode pela natureza divina, isto é, tudo! E essa humildade, não só divina — Ele é a Humildade — mas também

11 SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Super Epistolam Sancti Pauli Apostoli ad Colossenses lectura*. C.II, lect.2.

humana, faz com que Ele, Homem, conheça o Pai e o Pai O conheça.

O Pai dá a Revelação aos humildes através de Jesus Cristo

Ora, a mais ninguém seria dado conhecer o Pai se o Filho não Se encarnasse e O revelasse. Tal ciência não se encontra nos livros das grandes bibliotecas, nem nas páginas de internet... porque Nosso Senhor a concede apenas a quem Ele quer, fazendo-lhes sentir no fundo da alma quem é o Pai. Essa comunicação por via de experiência mística não é possível ser traduzida em termos. Por este motivo São Paulo, ao voltar do terceiro Céu (cf. II Cor 12, 2), não conseguia explicar o que havia ouvido, pois eram “palavras inefáveis, que não é permitido a um homem repetir” (II Cor 12, 4).

Eis, mais uma vez, uma amostra claríssima da afirmação de São João, na segunda leitura: a iniciativa do amor parte de Deus, e é Ele quem toma a deliberação de revelar ou não. É assim que Ele procede com aqueles aos

quais confere uma missão profética, como foi a dos israelitas, consignada na leitura do Deuteronômio: “Tu és um povo consagrado ao Senhor teu Deus. O Senhor teu Deus te escolheu dentre todos os povos da Terra, para seres o seu povo preferido” (7, 6). Esta vocação eles a receberam com vistas ao Filho que Se faria Homem. Da mesma forma, depois da Encarnação, todos os batizados, incumbidos também de um ofício profético, devem agir sempre em função do Redentor, Nosso Senhor Jesus Cristo. Por quê? Porque tendo-Lhe sido tudo entregue pelo Pai, Ele é o único Mediador que O revela a nós.

O fruto do pecado é a fadiga espiritual

²⁸“Vinde a Mim todos vós que estais cansados e fatigados sob o peso dos vossos fardos, e Eu vos darei descanso”.

Jesus nos convida a n’Ele procurar o descanso. Ele quer nos afagar, tratando-nos como a uma criança no regaço de sua mãe, de maneira a aligeirar o “peso de nossos fardos”. Para entender o significado dessa figura usada por Nosso Senhor, reportemo-

-nos à nossa vida cotidiana: devido à natureza decaída e, em particular, às condições do mundo atual, vemo-nos constantemente solicitados a fazer a própria vontade, seguindo o sopro de nossos caprichos. De ordinário, porém, esses desejos levantam-se contra a Lei de Deus.

O Oitavo Mandamento do Decálogo, por exemplo, nos obriga a ser verazes e a rejeitar a mentira, mantendo-nos fiéis à Verdade, que é Deus, e à verdade da lei divina gravada em nosso interior. Em certos casos, todavia, a mentira pareceria ser a opção mais fácil para conseguir o que queremos, proporcionando-nos o sossego de quem se sente livre de amarras. Eis um engano do demônio e das nossas paixões. Como Eva foi ludibriada pela serpente, e depois incitada a arrastar Adão a pecar, assim também satanás nos ilude com o objetivo de arrancar exatamente o que ele promete: a liberdade e a paz interior.

Na realidade, tanto a mentira quanto os demais pecados trazem grande peso de consciência. Se a via da virtude é árdua, muito

mais difícil é a daquele que trilha as tortuosas sendas do pecado, porque este exerce sobre seu coração uma tremenda tirania. O próprio Nosso Senhor advertiu: “todo homem que se entrega ao pecado é seu escravo” (Jo 8, 34). Uma vez cometido o primeiro — se a tentação não for combatida com a ajuda da graça —, dele decorrem quedas piores, conforme diz a Escritura: “Um abismo chama outro abismo” (Sl 41, 8). Com efeito, passado um breve período de remorso, de novo aquele prazer ilícito se apresenta com maior força de persuasão do que antes; e dada a sede de infinito inerente ao ser humano, o transgressor nunca se sacia, ao contrário, desejaria pecar indefinidamente... Ilustrando com outro vício, consideremos um ladrão: após roubar em uma, duas ou três ocasiões, ele terá o delírio de se apossar dos bens alheios, e se — por absurdo — conseguisse abarcar tudo o que existe na face da Terra, ainda cobiçaria mais.

Desse modo, de falha em falha a alma fica sobrecarregada, curvada sob o peso de problemas e aflições, e a vida se lhe torna amargurada. Nada cansa mais — com re-



percussão inclusive na saúde física — do que o pecado, pois à fruição fugaz que ele oferece no momento de o praticar, logo se segue a frustração e, mais tarde, se não houver arrependimento, o castigo eterno. Apesar disso, o homem, por debilidade, quantas vezes cede às tendências que o inclinam para o mal e nelas busca a felicidade, encontrando apenas o abatimento e a desilusão!

Nessas circunstâncias, constatando o quanto uma falta grave é irreparável pelos méritos de qualquer criatura, o culpado só achará descanso ao saber-se perdoado por Aquele que foi enviado por Deus para tirar todos os pecados do mundo (cf. Jo 1, 29): o Sagrado Coração de Jesus. Ele esquece nossos erros e não os castiga na proporção merecida, com frequência até absolvendo-nos da pena respectiva. Foi para isso que Ele derramou até a última gota de seu Sangue e morreu na Cruz, a fim de nos livrar da fadiga produzida pelo pecado, aliviar nossa consciência e fazer que recuperássemos a alegria.

Um jugo de escravidão... que torna a vida leve

^{29a} “Tomai sobre vós o meu jugo...

O jugo, como sabemos, é um artefato de madeira empregado para atrelar os animais, sobretudo os bois, ao arado ou a um carro. Entretanto, possui também um caráter figurativo de sujeição à autoridade, muito usado, aliás, no Antigo Testamento (cf. Jr 27-28). A exortação a tomarmos sobre nós o seu jugo tem, portanto, nos lábios do Divino Mestre, um sentido muito claro: “Sede meus escravos”. Naqueles tempos, ser escravo significava abandonar tudo e entregar-se nas mãos de um senhor com poder absoluto.

Ora, estimulando-nos a suportar um jugo sobre os ombros, Nosso Senhor Jesus Cristo não quer nos cobrar o cumprimento da Lei, mas nos convida a abandonar o pecado e suas ilusões. Desde que reconheçamos nossas misérias, Ele nos perdoa e assume nossos fardos, como a dizer: “Acaso meu Sangue vale pouco? Eu o dei justamente para

remir todas as tuas transgressões... Vem!”. Assim, podemos afirmar que o jugo d’Ele se chama inocência, amor, obediência, flexibilidade, desprendimento, desapego, serenidade, paz e tranquilidade de consciência. Sim, porque observar seus Mandamentos e abraçar a perfeição suscita na alma um bem-estar insuperável. Nada “empresta asas tão ligeiras à alma, nada a eleva tanto ao Céu quanto a posse da justiça e da virtude”.¹²

Jesus nos proporciona o verdadeiro repouso

^{29b} “...e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração, e vós encontrareis descanso. ³⁰ Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”.

O Coração de Jesus apresenta-Se como exemplo de humildade e mansidão. Ele é humilde, e por isso quis vir ao mundo numa Gruta e ser reclinado num Presépio, fugir para o Egito e depois habitar em Nazaré, levando

12 SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. Homília XXXVIII, n.3. In: *Obras. Homilias sobre el Evangelio de San Mateo (1-45)*. 2.ed. Madrid: BAC, 2007, v.I, p.762.

uma vida oculta e sem grandes manifestações externas de poder, embora fosse Deus.

Ele é manso e, portanto, a paixão da ira — ira que bem mereceria ser descarregada sobre nossas faltas — está completamente moderada pela razão.¹³ Por mais ofensas e revoltas que cometamos contra Ele, ainda nos busca como a ovelhas tresmalhadas, sem Se irritar, pronto a cuidar de nós com carinho e afeto. Que contraste com o cansaço causado pela cólera tola do homem em relação aos outros, pela indignação vazia, fruto do amor-próprio! Essa incontinência de temperamento, em que o amor a Deus e ao próximo como a si mesmo estão ausentes, só gera sofrimentos, destroça até a saúde do corpo, podendo facilmente nos levar à condenação eterna.

A civilização hodierna, que trabalha sem descanso em meio aos mais variados progressos técnicos, é aquela em que mais se precisa de pílulas para dormir, as quais, longe de proporcionar verdadeiro sossego, apenas adormecem a sensibilidade, sem

13 Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. III, q.15, a.9.

aliviar a agitação interna que só a humildade e a mansidão logram serenar. O único repouso nos advém de ouvir no fundo da alma a voz de Nosso Senhor Jesus Cristo — o que só é possível no equilíbrio da prática da virtude — e de submeter-nos a seu suave e leve domínio, certos de que Ele nos fará partícipes de sua própria felicidade!

III – O Amor de Deus se retribui com humildade

Perante a perspectiva descortinada pelo Evangelho de hoje, Deus nos convida a sermos desprendidos de nós mesmos, adotando uma atitude de humildade diante de d’Ele, a fim de retribuir a insondável caridade que o Pai, com superabundância divina, derrama sobre cada um de nós a partir do Sagrado Coração de seu Filho.

A este amor, Ele quer que correspondamos — guardadas as devidas proporções entre Criador e criatura — com o mesmo amor. Como, porém, manifestar nossa dileção por Ele? Como atrever-nos a oferecer-Lhe algu-



ma restituição? “Se Deus nos amou assim, nós também devemos amar-nos uns aos outros” (I Jo 4, 11), “porque o amor vem de Deus” (I Jo 4, 7). De fato, é no cumprimento de seus Mandamentos que daremos provas de amá-Lo de verdade; e a lei essencial é esta: “Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como Eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13, 34).

